

HISTÓRIA E LITERATURA - A PRESENÇA DA METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA¹ NA OBRA *O PROSCRITO*, DE RUY TAPIOCA²

HISTORY AND LITERATURE - THE PRESENCE OF HISTORIOGRAPHICAL METAFICTION IN THE BOOK "*O PROSCRITO*", BY RUY TAPIOCA

Cristiano Mello de Oliveira

Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, escritor de crônicas e ensaios literários

Pesquisador CNPq/UFSC

E-mail: literariocris@hotmail.com

RESUMO

A obra *O Proscrito* (2004), do escritor Ruy Tapioca, se conjuga como uma obra literária fora dos padrões comuns da literatura brasileira e, além disso, postula variados olhares para alguns fatores da historiografia brasileira. O presente texto discute, em linhas gerais, algumas considerações através do recorte de alguns fragmentos que mais evidenciem a temática da "metaficção historiográfica" nessa obra. Postulamos com a hipótese de que o autor desconstrói a história oficial, partindo para uma profunda crítica da nação. Em um primeiro momento, iremos percorrer as principais características do romance *O Proscrito*, realizando de forma panorâmica tais nuances do enredo. Em um segundo momento, partiremos para a problematização entre literatura e história, discutindo os principais teóricos. Em um terceiro momento, partiremos para análise dos fragmentos, propriamente dito, buscando elucidar o conceito de "metaficção" sugerido no romance. Contaremos com o lastro teórico de Sevcenko (1985), Santiago (1981), Esteves (2008), Weinhardt (1994), Hutcheon (1991) entre outros necessários para contemplação do tema. A contribuição desse artigo visa explorar o romance *O Proscrito*, de fortuna crítica escassa, enquanto o esmaecimento das fronteiras entre ficção e história oficial, assim como trazer a tona novas perspectivas para a crítica contemporânea e para a academia.

Palavras-chave: Romance brasileiro contemporâneo. Literatura Brasileira. História Nacional. Metaficção. *O Proscrito*. Ruy Tapioca.

ABSTRACT

The book *O Proscrito* (2004), wrote by Ruy Tapioca, conjugates itself as a literary work, outside the normal patterns of Brazilian literature and furthermore presents varied looks for some factors of Brazilian historiography. This paper discusses in general terms, some considerations through the cutout fragments that more evidence the theme of "historiographical metafiction" in this work. It postulates the hypothesis that the author deconstructs the official

history, going on a deep critique of the nation. At first, we will go through the main features of the novel *O Proscrito*, performing in a panoramic form such nuances of the plot. In a second step, we leave from the questioning between literature and history, discussing the main theoretical authors. In a third moment, we leave from the analysis of the fragments themselves, trying to elucidate the concept of "metafiction" suggested in the novel. We will have the theoretical ballast of Sevcenko (1985), Santiago (1981), Esteves (2008), Weinhardt (1994), Hutcheon (1991), among other theorists that are necessary for the contemplation of the subject. The contribution of this paper is to explore the novel *O Proscrito* that has few critical studies, which marks the fading of the boundaries between fiction and official history, as well as bring out new perspectives to contemporary criticism and the academy.

Key-words: Brazilian Contemporary Romance; Brazilian literature; National metafiction history; *O Proscrito*, by Ruy Tapioca.

1 ALGUNS PRESSUPOSTOS

Um romance não é a forma literária que comporte sentimentalismos. Não deve ser nunca confundido como documento histórico. (Ruy Tapioca)

Em entrevista concedida em junho de 200³ ao pesquisador Wilton Fred de Oliveira, o escritor Ruy Tapioca ao ser questionado sobre a mescla dos dados referenciais e ficcionais históricos contidos no seu romance *A República dos bugres* responde: “Todas as datas e fatos históricos foram rigorosamente pesquisados, inclusive as personalidades e caracteres das personagens históricas, com objetivo de conferir verossimilhança aos que realmente existiram e credibilidade aos fictícios, os quais são protagonistas da narrativa.” (TAPIOCA, 2005, p. 256) Apesar das advertências, podemos notar que o romance *A República dos bugres* acaba seguindo o mesmo procedimento do seu posterior, *O Proscrito*. Ora, se aplicássemos essa mesma resposta quanto ao acervo histórico e ficcional ao romance que aqui iremos analisar, *O Proscrito*, poderíamos verificar que esta serve como mote inspirador para descortinarmos e problematizarmos o nosso objeto desse breve ensaio.

Na realidade, percebemos que Tapioca, ao conceder essa resposta, utiliza o vocábulo “verossimilhança”³ propositalmente para designar a importância de ser fiel ao tema tratado, e aos fatos históricos narrados, neste leque tão diverso de episódios (Guerra do Paraguai, escravidão no Brasil, transição do Império para a República, seriam os temas centrais do romance) ocorridos durante o século XIX. Ou seja, Tapioca tenta ganhar os foros necessários de originalidade frente aos quesitos de consagração na sua obra literária enquanto um grandioso trabalho artístico, ao refazer uma espécie de mapeamento sobre o Brasil dos novecentos. Ao

que tudo indica, Tapioca obviamente tinha critérios para definir tudo isso e se consagrar, no final da década de 1990, como o grande recebedor do prêmio literário João Guimarães Rosa, diante de uma comissão que analisou 401 originais, conforme informação contida na orelha do seu próprio livro. Em suma, surge uma questão supostamente envolvente: quando terminam os fatos referenciais, e quando começa a ficção no romance? Tarefa que tentaremos solucionar brevemente no decorrer desse artigo.

O romance *O Proscrito* foi publicado por Ruy Tapioca no ano de 2004. Uma cantiga do cânone português, Luis Vaz de Camões, subscreve e abre o romance em forma de mote inspirador para o desenvolvimento da história. Nesse sentido, o prólogo também serve de convite para uma conversa mais íntima com o leitor sobre aquilo que virá pela frente. A obra encontra-se dividida em 24 capítulos, no total de 406 páginas de grande fôlego que percorrem, de forma bastante professoral, o clima harmônico dos principais acontecimentos e episódios jocosos. Dentro desses capítulos, existe a quantidade de seis livros, descortinados através de introduções um tanto convidativas e agradáveis para aquele leitor mais interessado e curioso para conhecer o restante da história. Obviamente que esses preâmbulos contribuem de maneira estratégica, ofertando uma excelente chave de leitura para aquele leitor menos preparado para densas narrativas. Outro fator importante a ser destacado na obra *O Proscrito* é a quantidade de palavras e expressões que remontam à maneira de falar lusitana, empreitada que possivelmente envolveu árdua pesquisa linguística por parte de Ruy Tapioca

Em linhas gerais, o enredo da obra *O Proscrito* gira em torno da temática histórica de um ex-integrante de navegação da frota de Pero Vaz de Caminha, chamado Pero Grã Verga Pinto Albaralhão. Historicamente falando, devemos lembrar que foi durante esse paradigmático século XV das navegações, narrados na pena de Tapioca que muitos acontecimentos ficaram perenes no seu tempo e na penumbra das estantes dos centros de pesquisa. No romance em questão, a história é narrada pela pena do seu fiel discípulo, quase sempre atrapalhado, chamado Athanasius. Com efeito, os variados acontecimentos e episódios em tom picaresco que cercam e enredam a história, ocorrem durante o século XV. “No romance picaresco, a sequência cronológica é tudo: aconteceu isto e depois aquilo. As aventuras, sendo cada uma um incidente que pode constituir um conto independente, são ligadas pela figura do herói.” (WELLECK ; WARREN, 2001, p. 267), asseveram René Wellek e Asutin Warren com propriedade. A nosso ver, o que os críticos apontam, convém aceitarmos que combina certamente com aquilo que Tapioca desejou alcançar no seu romance híbrido: as determinadas aventuras de Pero se intercalam de maneira independente e concordamos que podem ser lidas como unidades autônomas.

Se fôssemos aqui brevemente postular um gênero literário para o romance *O Proscrito*, poderíamos calcular que Ruy Tapioca consegue atingir o modelo de pastiche ou daquele cunhado pela teórica Linda Hutcheon de “metaficção historiográfica”. Pastiche estaria vinculado, segundo o Dicionário Aurélio, ao movimento de imitação aos moldes de outra obra literária. Já a “metaficção historiográfica”, estaria vinculada, segundo Hutcheon à desconstrução de uma história vigente ou à autorreflexão desses acontecimentos. É sabido que esse último conceito, busca desconstruir a história oficial pregada pelos grandes cânones, e, nesse sentido, conseguimos verificar que Tapioca consegue manter na íntegra tal desconstrução. Ou seja, o escritor baiano tenta provar que a história oficial relatada e documentada nos livros⁴ e nos arquivos públicos, não pode ser identificada como o conhecido chavão dos historiadores: “verdade de todas as verdades”, porém algo que precisa ser desmontado e problematizado. Obviamente que outros gêneros, como é caso da paródia, também estão inseridos em vários trechos, algo que seria a glosa do material alheio.⁶ Embora, isso não seja de fato o gênero estilístico principal desse romance que, aos moldes de outros, exemplo disso *O nome da rosa*, do escritor Umberto Eco, pode se submeter ao mesmo viés de análise e compreensão.

Sem dúvidas que a obra *O Proscrito*, resguarda e hospeda uma série de conflitos históricos guarnecidos naquele narrador em primeira pessoa. O diálogo do narrador com seu interlocutor que seria o próprio leitor é marcado por questionamentos e indagações que mantêm uma espécie de jogo conselheiro com ambas as partes. “Chegado é o tempo, prezado leitor, de cantar os feitos do meu mui saudoso senhor, insigne mestre e rigoroso amo, o incompreendido e injustamente esquecido fidalgo lusitano dom Pero [...],” (TAPIOCA, Op cit., p. 11) ressalta o narrador-personagem no prólogo do romance. Todo o momento, o narrador participa desse árduo jogo caracterizado por movimentações espontâneas que ora direcionam um olhar mais solidário, ora impõe uma perspectiva mais ousada e participativa. O certo é que o tabuleiro desse polêmico jogo historiográfico age e remonta acontecimentos do século XV. E, tais episódios seriam aqueles que envolvem todas as emoções e que deflagram um sujeito preparado para questionar historicamente os seus interesses e, ao mesmo tempo, participar de suas escolhas enquanto leitor transformador de um mundo tão caótico e comprometido pela sua exausta solidão.

Um fator que merece a devida atenção em uma leitura bem acurada da obra *O Proscrito*, seria a oferta de alusões e trechos que evocam a temática história de época, e junto a isso, comprovam que Ruy Tapioca resolveu ousar na perspectiva documental inserindo informações da realidade do período em que a obra fora escrita. Não se deve esquecer, no

entanto, que o vocábulo “documental” soa como uma senha necessária ao apelo da verossimilhança aplicada ao texto. Mesmo apesar do próprio romance não registrar muitos fatos cronológicos, podemos crer que vale a pena tecer alguns breves comentários sobre tal assunto. Sob essa ótica, são de larga amplitude, igualmente, as referências históricas que Tapioca entremeia na sua narrativa histórica.⁶ Compreendem e ganham notoriedade no decorrer do texto: “A partir da descoberta das índias Orientais pelo almirante Cristobal Colón, o prestígio de dom Pero na corte de dom João II [...]” (TAPIOCA, Op. cit., p. 352) - ressalta o narrador tentando assimilar a preocupação da realidade de época em relação as terras descobertas, “No início do seu reinado, dom João II retornou a política de expansão marítima e mercantil de Portugal, praticamente paralisada desde a morte do Infante dom Henrique.” (TAPIOCA, Op. cit., p. 327) - Ressalta o narrador sob a custódia de relembrar fatos já esquecidos montando o ano que ficou marcado na situação política brasileira. – Ora ficaria quase impossível aqui mencionarmos todo o repertório histórico-social aclamado pela pena de Ruy Tapioca, delegado de forma confiante ao seu narrador, esses seriam apenas alguns exemplos que resolvemos ilustrar.

Como afirma o próprio romancista Ruy Tapioca, retomando a epígrafe introdutória deste artigo, o romance histórico não seria aquele que comporta sentimentos ou subjetividades em relação aos acontecimentos históricos, jamais podendo ganhar tais aspectos. Ou seja, à medida que o intermediador literário ou o ficcionista resolve realizar um romance histórico sobre o objeto almejado, acaba passando também a interagir com outros textos e fatos que possui no seu arsenal memorialístico. Por esse motivo, podemos verificar que Tapioca desencadeia uma série de elementos que possam deixar nítidos aos novos romancistas para futuras ficções. Via de regra, ao utilizar o vocábulo “sentimentalismos”, Tapioca, a nosso ver, propicia ao estudioso ou pesquisador uma reflexão sobre o processo de mescla e fusão das formas artísticas e, junto a isso, procura não cair no jogo de subjetividades que possam aproximar criador e obra literária.

Diante de tal perspectiva, possivelmente podemos orquestrar a seguinte problemática: Qual seria o escopo do enredo da obra *O Proscrito*? Como foi formulado o seu cenário e seus personagens? Em que medida, a narrativa deixa de ser documental-histórica e passa ser ficcional? Como alguns teóricos observam essa diluição das fronteiras entre a literatura e a história? Quais seriam suas considerações e construções a esse respeito? Por último: como age esse jogo da “metaficção historiográfica” no romance *O Proscrito*? Como participa dos acontecimentos e episódios e interage no enredo da história em relação ao aporte teórico que

iremos trabalhar? Ao indagarmos através desse breve elenco de questões, seremos capazes de levantar e provocar outros estudos e investigações possíveis, assim como compreender analiticamente todo o contexto problemático dessa obra literária, *O Proscrito*. Obviamente que tentaremos encontrar as respostas neste caminho de raciocínio, ao longo desse breve artigo.

2 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO ROMANCE *O PROSCRITO*

É facilmente constatável que o panorama de personagens alude à perspectiva de um teatro ao ar livre que impulsiona novas formas de enxergar a vida daquele período. Destacam-se nesse caleidoscópio passadista fazendo várias alusões ao nosso contexto atual, em particular, os tipos exóticos e bastardos que completam o rol da esquizofrenia cômica brasileira representativa, mesmo que apareçam e desapareçam por apenas algumas linhas e parcos fragmentos. Fazem parte dessa fileira longa e extensa: “navegadores” (Nuno Vaz Barriga, Pero Vaz de Caminha, Nicolau Caroço, João das Pinhascas e Antônio Boa-conversa); “Membros da igreja” (frei Leonardo Carrasqueira, Frei Lancastre, Padre Docoufrauche, frei Andorinha, frei Herundine, “Beatas fofoqueiras” (Edeltrudes, entre outras); “personagens históricos” (dom João II, bispo de Évora, duque de Bragança, papa Alexandre VI, Dom Afonso V, Cristobal Colón, Pero Vaz de Caminha, Duarte Pacheco Pereira, entre outros); “mulheres difamadas pela trajetória e sobrenome” (dona Plácida Apará-Miúdos, dona Filipa Bagaço, dona mãe Joana, dona Violante; Miriam Chupeta, Amelinha Catarro, dona Cotinha Segredão, entre outras); “homens avessos ao trabalho” (anão Pouca-sombra, Ferão Pouca-vergonha, João Ratão, Zeca Gatuno, entre outros), enfim toda essa galeria irregular e densamente sarcástica transita por idas e vindas, desencadeando ações e alimentando diversos objetivos.

Essa conjuntura heterogênea de personagens cômicos e irreverentes que podemos postular e verificar na forma de pares antônimos e binários, evidenciando a antítese cruel marcada nas linhas e páginas do romance *O Proscrito* certamente nos ajuda a compreender melhor esse efeito. Nesse sentido, é que podemos delinear a seguinte dicotomia bipolar: navegadores/ não navegadores, membros da igreja/ não membros da igreja, beatas fofoqueiras/ beatas não fofoqueiras, mulheres difamadas/ mulheres não difamadas, homens vagabundos/ homens trabalhadores. Essa última combinação antagônica pode simular e entrever com maior ênfase as tipologias mais esclarecedoras, do perfil mais presente, em quase todos os personagens. Ou seja, é diante daqueles que trabalham em alguma função para aqueles que apenas usufruem do favor dos outros que podemos explicar os verdadeiros pressupostos do

romance e da nossa história nacional. É em torno dessa dicotomia tão abrupta e oposta que rege o panorama problemático e, a nosso ver, serve como mote ao processo criativo da narrativa do romance de Ruy Tapioca, tendo em vista a atmosfera do Brasil do século XV, que o autor deseja construir sua obra.

Sem falar nos ambientes e microespaços, que regem a sincronia um tanto caótica dos diversos acontecimentos que acompanham as personagens. Nesse sentido, é possível verificarmos que a arquitetura desses locais é descrita de maneira minuciosa, soando ares de uma pintura realista. São os mais desnivelados e diversos, completando o acervo um tanto criativo destas tumultuada descrição de cenários: “ruínas de castelos” (“O galpão, construção rústica no interior das muralhas do castelo abandonado, tinha paredes vazadas de buracos por todos os lados.”) (TAPIOCA, Op cit., p. 272); “Vilarejos e vilas pequenas” (“A aldeia era exatamente como descrevera Afonso Ribeiro: uma grande choupana, arrimada [...]”) (TAPIOCA, Op cit., p. 400) ; “Rústicas navegações” (“Enquanto os grumetes remavam, em desespero, impulsionando o batel em direção à Patifa, uma nuvem de frechas [...]”) (TAPIOCA, Op cit., p. 366) ; “Cidades pequenas” (“[...] situar-se em algum vilarejo ou aldeia do Algarve, junto ao litoral, no extremo sul do reino, entre Sagres e Vila de Santo Antônio, quase fronteira com o reino de Castela.”) (TAPIOCA, Op cit., p. 50) ; “Veículos antigos” - Dom Pero e os outros nove condenados foram transportados para Castro Marim em três carroções-jaula, puxados por duas parelhas de mula cada um [...] - (TAPIOCA, Op cit., p.260) , enfim uma série de artifícios e cenários que recompõem a logística do pano de fundo, contribuindo em demasia, para as circunstâncias da história e o andamento das ações.

Não seria leviano também afirmarmos e problematizarmos que boa parte da obra *O Proscrito* contém diversos trechos sarcásticos e irônicos que remontam o panorama daquele romance mais descontraído, sem perder a erudição e a seriedade. Sem contar, a série de adereços orais de cunho vulgar, remetendo a aspectos grosseiros de linguagem, que soam diferentemente e ampliam a visão de desestruturar a história idealizada e oficial, ligando-a à imagem do verdadeiro pastiche. Na pena de Ruy Tapioca, diversos fragmentos remontam essa trajetória: “[...] ato de aplicar a língua na pardalinha das fêmeas, e não no fiofó, como o nome poderia sugerir [...]” (TAPIOCA, Op cit. , p. 261) . São situações que ampliam a indecência cômica e cruel aplicada às mulheres; entre outros que se somam durante a narrativa.

Não é difícil descobrir a fascinação de Ruy Tapioca por uma linguagem ainda mais ousada e filosófica no sentido de causar impactos intelectuais, pela sua grandiosa facilidade de articular a erudição e o jogo clássico das alusões a obras filosóficas e fragmentos dos clássicos da literatura universal. Por esse motivo os vocábulos e as expressões do narrador do romance

O Proscrito, inovam com bastante perspicácia e sofisticação quando o assunto é surpreender o leitor e levantar ares não somente estéticos, mas capazes de transmitir um determinado ensinamento ou lição de moral em situações do simples cotidiano. Ao que tudo indica, pelo excesso de pistas e rastros, Tapioca foi um contumaz e apaixonado leitor, especificamente desses filósofos clássicos. Em diversas passagens, iremos encontrar fragmentos que criam esse jogo erudito, do filosófico com o estético, muito bem trabalhado na pena do escritor baiano. Exemplos? Alguns trechos evidenciam todo este manancial erudito: “Sócrates, que nada deixou escrito enquanto viveu, formulou doutrinas ligadas à consideração de problemas morais, à caracterização do que era o Bem e o Mal.” (TAPIOCA, Op. cit., p. 277) - Dialoga o personagem, tentando amenizar as imperfeições do Filósofo Sócrates - “Aristóteles defendia teorias sobre a abstração e o silogismo, lógica formal, e ética” (TAPIOCA, Op. cit., p. 277) - Dialoga evidenciando as virtudes intelectuais do filósofo grego - “Chamava-se Platão: defendia a teoria das idéias, a meditação filosófica, o conhecimento do Bem para a existência da justiça entre os Estados e os homens.” (TAPIOCA, Op. cit., p. 278) - Articulando o potencial do filósofo Platão - “-Epicuro nasceu na Grécia, no ano de 341 a.C. Muito cedo manifestou a curiosidade do seu espírito. Era ainda muito jovem quando o seu professor de gramática recitou o verso [...]” (TAPIOCA, Op. cit., p. 278) - Escreve o narrador tentando tecer algumas razões que provocam a dualidade entre leitor e autor. - Em suma, uma série de diálogos e frases que iluminam o leitor ao longo desse percurso literário tão ousado e particular.

Na realidade, podemos postular que as reminiscências de leitura evocadas pelo narrador de *O Proscrito* também conjugam um olhar mais literário, de pesquisa, de investigação e agem propositalmente como fator crucial e decisivo para as maturações criativas do escritor Ruy Tapioca, evidenciando suas predileções literárias. Ao tecer algumas dessas leituras através da fala de suas personagens e no jogo vocabular mantido em tom erudito pelo narrador, Tapioca também aponta suas simpatias literárias e suas possíveis atrações estéticas pelo estilo narrativo. Exemplos notórios irão percorrer amplamente toda a narrativa literária, chegando a ficar demasiadamente exposta a sua força de vontade em levantar de forma proposital todo esse manancial inspirador e, ao mesmo tempo, paradigmático de suas reais escolhas e preferências. “Assim procederam Homero e o caolho português, o poeta Luis Vaz de Camões, logo ao início de suas obras, e pelo visto foram atendidos!” (TAPIOCA, Op. cit., p. 23). Responde Antonio Gonçalves, tentando ofertar melhores sugestões para o narrador-personagem escrever a história do seu amo; “[...] segui o conselho do livreiro alfarrabista e fui reler a Odisséia, para verificar como Homero tratara as musas e os deuses em sua famosa obra.” (TAPIOCA, Op. cit., p. 24) - Dialoga em tom de erudição o contador e relator da história; “O herói da Odisséia, Ulisses,

era apadrinhado de uma cópia de deuses, inclusive do mor deles, Zeus, cuja arbitrariedade compelira todos os outros a conspirar em favor do homem [...] (TAPIOCA, Op. cit. , p. 25) - Nesse fragmento é verificarmos a possível legitimação aos impactos das influências necessárias para compor tal romance. Enfim todo esse manancial clássico literário fortalece ainda mais o tanto que o narrador prova em exaltar sua variadas escolhas no universo literário.

O Tapioca romancista é também o Tapioca-historiador. O adjetivo se refere, como sabem muitos escritores e intelectuais, às múltiplas facetas que tal escritor merece como aquele que se espelha como protagonista capaz de descobrir o Brasil do século XV através de cada um dos seus personagens, buscando neles pistas ou sinais, mantendo um forte e relevante vínculo com a nossa nacionalidade. Ruy Tapioca terá a visão de um audacioso romancista que registra e observa aquilo que lhe chama a atenção. Sua escritura mantém uma espécie de sacerdócio-militante com seu público leitor. Além de exigir uma leitura cautelosa, por conta das variadas alusões históricas, sua narrativa pressupõe noções da História oficial do Brasil e de Portugal no século XV. Diga-se de passagem, o escritor baiano mantém no seu esboço ficcional uma forma de testemunhar sobre aqueles acontecimentos esquecidos, ou que ficaram na penumbra durante muitos anos. Por esse motivo, seu ofício mantém um caráter documental para o público fiel dos seus escritos e junto a isso postula uma espécie de encaminhamento progressista que aponta para um Brasil mais consciente de seus afazeres intelectuais e patrono de uma história nacional emérita de suas peculiaridades e distinções. Enfim, a soma do escritor preocupado com os anseios da nação e do homem protagonista capaz de interagir e questionar um Brasil em pleno século XV chama nossa atenção para um profundo questionamento da realidade brasileira.

A própria vida de Ruy Tapioca é panorâmica e ousada: nascimento no ano de 1947, infância na cidade de Salvador, maturidade e permanência na cidade do Rio de Janeiro desde o ano de 1958. Formação em Administração na UFRJ, mestrado na área de administração, intercalada por algumas incursões de trabalhos em algumas estatais, e, logo, a definitiva aposentadoria tão sonhada no ano de 1995, para se dedicar finalmente a sua maior paixão que seria a literatura com viés histórico. Além disso, cabe dizer que toda essa conjuntura de vida fez com que Tapioca pudesse aproveitá-la de forma vantajosa, mesclando-a com seu amor pela leitura e as diversas aclimações pela pesquisa literária, histórica e filosófica. Tamanha empreitada intelectual lhe gerou grandes frutos de aprendizado. Por esse motivo, nessa sua rica bagagem de vida, o denso acervo das leituras dos poetas clássicos, juntamente com as experiências das práticas administrativas em organizações estatais, está conjugado com uma vantajosa trajetória histórica que acabam pincelando uma difusa formação humanística que certamente seria aproveitada como insumo dos seus romances.

3 ROMANCES HISTÓRICOS OU A HISTORIA OFICIAL – DISCUSSÃO PROBLEMÁTICA?

Como se confecciona o esqueleto de um romance histórico?⁷ Com entrelaces e nuances historiográficas que nutrem o jogo poético das palavras, ou melhor, fatos históricos que horizontalizam e verticalizam maneiras de subscrever aquilo que está na memória do literato e do historiador. Possivelmente esses vértices se encontram num mesmo patamar comum: questionar os fatos transmitidos pela história oficial e fazer desestruturar o véu simbólico que existe e enaltece esses acontecimentos tão complexos, justamente de atingir a finalidade menos idealizada pregada por esses fatos. A narrativa do historiador nem sempre é imaginar radicalmente comunidades e sociedades, mas compreendê-las harmoniosamente, e oferecer apenas em tom pragmático a realidade de época, coisa que na pena do literato acaba ganhando uma completude mais criativa e imaginativa para aqueles fatos que o cercam. Interroga, indaga, disserta, participa e ao mesmo tempo consegue ser ficção e história. Esses são apenas alguns modelos hipotéticos de como a história e os literatos acabam tentando envergar seus escritos para uma fusão tão favorável e imaginativa de compor os seus romances.

Na realidade, quem percorre a maioria dos textos teóricos vinculados à eclosão do movimento de discutir a diluição de fronteiras entre a literatura e a história - constata a recorrência de um esforço metodológico e conceitual - por parte dos críticos literários e historiadores de impor e privilegiar o seu viés de experiência para aquilo que desejem aproveitar para a sua respectiva atmosfera de trabalho.⁸ A expressão que designa o gênero “romance-histórico” funciona e soa como uma espécie de código numérico que informa sobre quem o usa: é um agente cultural ou escritor-historiador que necessita da fonte histórica com ares literários para compor o seu romance. Na realidade, esse “escritor-historiador” necessita de uma sensibilidade aguçada ou espírito criativo, assim como, uma vasta experiência, tanto na literatura como na história, para compreender e manusear as distintas ferramentas que remarão ao seu favor: enredo, fatos históricos, documentos, tempo na narrativa, personagens, cenário, figurinos, acontecimentos e episódios, que lhe possam ser úteis e contribuir para alcançar os seus devidos moldes e encaixes. Portanto, isso acaba ocorrendo de forma tão fluente e despercebida que as duas categorias epistemológicas (Literatura e História) parecem ser quase semelhantes em relação ao trato artístico desse escritor: definir a sensibilidade para cada adaptação é colocar-se em oposição ao critério de dizeres polêmicos e à formulação de opiniões de juízo. Nessa batalha, literatos e historiadores acabam ocupando o mesmo espaço na gaveta: o problemático universo da faculdade de escolha e opção.

A amplitude histórico-literária que Ruy Tapioca consegue atingir em *O Proscrito* só é comparável, no seu tempo e pouco anteriormente a ele, aos outros romances de sua autoria escritos que seguem e perpetuam a mesma temática. Dessa forma, *A República dos Bugres* (1999), *Admirável Brasil Novo* (2003), *Conspiração Barroca* (2008), são romances históricos que levam a tona à experiência dos principais acontecimentos e fatos decorridos na nação brasileira. O último ainda bem pouco conhecido nas prateleiras brasileiras e escassamente mencionado pela crítica literária, no entanto, possivelmente perto de causar um grande impacto quando chegar a ser lançado aqui. Ora, ao que tudo sustenta, todas essas obras literárias reverberam uma característica comum: são narradas em forma de romance-histórico por um escritor que conhece bem a realidade da nação brasileira e acima de tudo, indica sugestões para que possamos recuperar a nossa memória para construirmos um futuro diferenciado. Em suma, o primeiro romance mencionado acima e publicado pelo autor no ano de 1999, já fazia apologia ao forte encanto e ao mesmo tempo o próprio desencanto das experiências caóticas vivenciadas pelos diferentes eventos que ocorreram no final do século XIX: Guerra do Paraguai, transição do Império para a República, entre outros.

Outros fatores que merecem a devida atenção de uma leitura bem acurada na obra *O Proscrito* seria a oferta de alusões e trechos que evocam a temática história de época e junto a isso comprova que Ruy Tapioca resolveu ousar na perspectiva documental inserindo informações da realidade do período que a obra fora escrita. Mesmo apesar do próprio romance não registrar muitos fatos cronológico, podemos crer que vale a pena tecer alguns breves comentários sobre tal assunto. São de larga amplitude, igualmente, as referências históricas que Tapioca entremeia na sua narrativa histórica.⁹ Compreendem e ganham notoriedade no decorrer do texto: “A partir da descoberta das índias Orientais pelo almirante Cristobal Colón, o prestígio de dom Pero na corte de dom João II [...]” (TAPIOCA, Op. cit., p. 352) (Ressalta o narrador tentando assimilar a preocupação da realidade de época em relação as terras descobertas); “No início do seu reinado, dom João II retornou a política de expansão marítima e mercantil de Portugal, praticamente paralisada desde a morte do Infante dom Henrique.” (TAPIOCA, Op. cit., p. 327) (Ressalta o narrador sob a custódia de lembrar fatos já esquecidos montando o ano que ficou marcado na situação política brasileira). Portanto, ficaria quase impossível aqui mencionarmos todo o repertório histórico-social aclamado pela pena de Ruy Tapioca, delegado de forma confiante ao seu narrador, apenas alguns exemplos que resolvemos ilustrar.

Seria impraticável falar da pertinência da dualidade Literatura e história sem mencionar o nome do clássico A poética, do filósofo Aristóteles teremos uma grande reflexão sobre a possibilidade ou não da distinção daquilo que cerca o ofício do ficcionista para o do historiador. Para Aristóteles permanece aquele conceito clássico de que: “O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso (pois, se a obra de Heródoto fora composta em verso, nem por isso deixaria de ser obra de história, figurando ou não o metro nela). Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido” Ao que tudo indica essa matriz teórica fixada, por Aristóteles ajusta e aproxima pelo lado da poeticidade ambos os ofícios, tentando justificar pela sensibilidade literária que está inerente as duas profissões e ocasiona essa diluição nas fronteiras. Ainda conclui dessa forma: “Por tal motivo a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a história, porque a poesia permanece no universal e a história estuda apenas o particular.” (ARISTÓTELES, 1980, p. 252) Sendo assim, fica nítido imaginarmos a fluidez que rege aquilo que Heródoto perfaz através dos seus versos tão históricos e ao mesmo literário. Em suma, o filósofo Aristóteles abre os caminhos para aquilo que muitos outros teóricos iriam realizar adiante, antecipando e profetizando as veredas poéticas da imaginação historiográfica.

A estudiosa Marilene Weinhardt, no seu artigo Considerações sobre o romance histórico (1994) descreve com total argúcia as principais nuances entre as relações possíveis no campo epistemológico entre literatura e história. Weinhardt aponta e sugere algumas abordagens por parte dos principais teóricos renomados sobre ambas as questões, esmiuçando conceitos de George Luckacs, Mickail Bakhtin, Flávio Loureiro Chaves, entre outros. A estudiosa da UFPR, após suas agudas observações, tenta ao máximo evidenciar nesses diálogos teóricos que soam quase de maneira análoga um com outro. Outrossim, Weinhardt rastreia todo um percurso de pesquisas (Congressos, eventos e similares) realizados durante as décadas de 1980 e 1990 que ajudou a ampliar e divulgar os estudos recentes nessa mesma área. Após lamentar a escassez de estudos que remontam essa dupla questão, a estudiosa afirma que: “Desde que a narrativa ficcional alcançou foros de cidadania estética, o romance histórico alterna períodos de brilho com períodos de obscuridade.” (WEINHARDT, 1994, p. 53) E, depois conclui a estudiosa: “Na literatura brasileira não é diferente, mas a história da literatura não se deteve com vagar e rigor no percurso do romance histórico entre nós, ainda que a produção não seja desprezível quantitativamente e às vezes qualitativamente.” (WEINHARDT, 1994, p. 53)

No romance *Em liberdade* (1981), do escritor-ensaísta Silviano Santiago é possível verificarmos uma grande envergadura para a mescla problemática da narrativa ficcional histórica para os fatos e acontecimentos desencadeados pela própria história. O romance reconstrói de maneira acurada a vida dos escritores Graciliano Ramos e José Lins do Rego buscando ganhar na verossimilhança todos aqueles acontecimentos, baseado numa árdua pesquisa de Santiago, que percorreu a vida dos intelectuais. Pouco antes de encerrar o romance-diário Graciliano terá um sonho para confeccionar um conto a respeito do líder da Inconfidência Mineira, Claudio Manuel da Costa. Graciliano sentirá a necessidade de vasculhar documentos que comprovem a vida desse grande líder, tentando empenhar um “[...] o conto, uma nova interpretação da ação dos homens, tentando elucidar o raciocínio e a motivação que se encontra por trás dos atos e palavras. O trabalho da imaginação entra nesse momento.” (SANTIAGO, 1981, p. 223), esclarece supostamente Graciliano Ramos. E ao que tudo indica a pesquisa seria de tamanha empreitada: “Busco informações precisas, consulto documentos da época, tomo notas e mais notas. Tudo isso deve servir apenas de pano de fundo, de cenário, para o trabalho de minha imaginação.”, (SANTIAGO, Op. cit., p.224) ressalta o narrador em um dos seus diários escritos. Nesse sentido, percebemos que o vocábulo “imaginação”, insiste na ideia de que as brechas e lacunas historiográficas entrariam na harmonia indispensável de Graciliano, assim como entrou também na do autor Silviano Santiago para compor esse majestoso romance.

Por outro lado, a estudiosa e autoridade nesse assunto, a canadense Linda Huchteon no seu clássico estudo, que já foi objeto de muitas citações, chamado *Poética do Pós-Modernismo*, trabalhou com todo rigor e vontade, buscando desmistificar as teorias de muitos críticos como é caso de Terry Eagleton e Frederic Jameson. Huchteon perfaz a trajetória das atitudes pioneiras teóricas da expressão pós-modernismo, acreditando que exista algo por trás dessas obras que buscam o passado para contar fatos do presente. Segundo Huchteon: “A ficção não reflete a realidade, nem a reproduz. Não pode fazê-lo. Na metaficção historiográfica não há nenhuma pretensão de mimese simplista. Em vez disso, a ficção é apresentada como mais um entre os discursos pelos quais elaboramos nossas versões da realidade, e tanto a elaboração como sua necessidade são o que se enfatiza no romance pós-modernismo.” (HUTCHEON, 1991, p. 64) Ao que tudo indica, Huchteon perfaz de forma sensível e acurada seus estudos, sugerindo curiosas direções de análise do objeto literário, fazendo persuadir aquele crítico literário disposto a encorajar suas pesquisas.

Por outro viés de análise, menos ficcional, teremos o acurado ensaio *Literatura como missão* (1983), do estudioso Nicolau Sevcenko que investiga as obras dos escritores Euclides da Cunha e Lima Barreto para descrever problematicamente como se entrecruzam a prosa desses dois escritores. O espaço da Primeira República, repleto de acontecimentos importantes,

na cidade do Rio de Janeiro, é o pano de fundo da análise de Nicolau Sevcenko. Historiador contumaz e perspicaz, Sevcenko, aborda as nuances literárias que fizeram parte do frenético expediente de ambos os escritores, buscando evidenciar que tanto a História, como a Literatura caminham no mesmo linear. Ao concluir suas análises sobre o contexto dos séculos XIX e XX, Sevcenko escreve: “Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir. [...] Poucas vezes a criação literária esteve tão presa à própria epiderme da história tout court.” (SEVCENKO, 1983, p. 237) Ora, o estudioso deixa nítido que o fio condutor do seu raciocínio é fazer com que a literatura caminhe em passos estreitos com a história, uma e outra, busquem diluir ao máximo suas fronteiras, fazendo uma favorável interação com o público leitor.

Já o ensaísta Roberto Esteves na sua obra *O romance brasileiro histórico contemporâneo (1975-2000)*, ensaio fartamente exemplificado, terá a visão de que todos os fatos e acontecimentos históricos podem ser recontados e narrados de uma forma mais ficcional e conseqüentemente literária. De acordo com Esteves: “Basta um passeio pela historiografia ou pela história da literatura para se confirmar que a literatura e a história sempre caminharam lado a lado.” (ESTEVES, 2008, p. 10) Pra montar a linha de raciocínio, Esteves refaz, grosso modo, uma espécie de panorama literário onde aborda quais foram os principais romances históricos que narraram grandes acontecimentos e fatos. Em um primeiro momento, Esteves exemplifica como o romance *A guerra dos mundos*, do escritor Mário Vargas Llosa, posteriormente passa para o livro *A verdade das mentiras*, do mesmo autor. A questão urge naturalmente: o que esse ensaio acurado de Esteves pode se relacionar com o livro *O Proscrito*? Obviamente que a resposta seria aquela de uma estória enredada de episódios históricos narrados sobre os efeitos da história, como foi o caso de Ruy Tapioca, ao recontar os episódios do século XV, à sua maneira e de acordo com a sua experiência.

A título de exemplo de uma técnica estabelecida em alguns episódios que cercam a vida de Pero da Grã Verga Pinto Albaralhão, juntamente com o narrador do romance de Ruy Tapioca e que se mantém como protagonista, pode ser muito bem comparado com o perfil do personagem Leonardo Pataca, do romance *Memórias de um sargento de milícias*¹, do escritor Manuel Antonio de Almeida. Logicamente que estamos aqui buscando levantar hipóteses e lembrar as traquinagens do protagonista Pero, narrado pelo seu discípulo Athanasius logo no início do romance.¹⁰ O jovem traquina Pero coloca ovos pobres no caldeirão de comida, assim como o peralta Leonardinho faz caretas ao barbeiro que reside próximo a sua residência. Nesse sentido, devemos lembrar que o protagonista Leonardinho Pataca também manteve a mesma postura, de caráter travesso e traquina, assumindo o estereótipo do brasileiro que leva a fama de ser o famoso personagem Macunaíma, que Mário de Andrade criou como categoria de

brasileiro. Portanto, certamente, a paródia ao romance de Almeida, fortalece pensarmos numa possível aproximação prolífica entre ambas as obras, por esse viés de análise.

Esforcemo-nos para raciocinar que Ruy Tapioca, sobretudo, enriqueceu seu romance-histórico *O Proscrito* através de: alusões ao contexto de época, olhares historiográficos, depoimentos descritos em documentos, narrativas no passado, arquivos de época, enfim uma série de técnicas e mecanismos que marcam profundamente essa singularidade romanesca. A última característica se impõe pela conjuntura de frases que remontam ao acervo de uma pesquisa árdua empreendida por Tapioca para confeccionar os fatos que somente poderiam ganhar na verossimilhança através da busca e do arquivo desses materiais. A título de exemplo, basta verificar: “Terminadas minhas obrigações de limpeza, não tinha muito que ali fazer, e, para matar o tempo, distraía-me com leituras de Aristóteles, Epícuro, Virgílio, Homero, Juvenal e muitas novelas de cavalaria, entre outras brochuras e cartapácios empoleirados nas estantes.”, (TAPIOCA, Op. cit., p. 17), ressalta o servo, discípulo do protagonista Pero. Metaficcional ou não, o certo que essa passagem nutre o resultado disso tudo é sobrescrito em várias linhas e páginas ao longo do romance, resgatando a memória desses acontecimentos e fazendo ressurgir aquela “pulga atrás da orelha” na cabeça do leitor: será que isso é ficção ou história? Enfim, as considerações teóricas poderiam estender-se em demasia, tentando trabalhar aquilo de mais pertinente no assunto. Dada brevidade desse artigo, enceraremos as nossas considerações com as reflexões finais, movimento que rastreamos a seguir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tecer essas considerações devemos pensar que as contribuições histórico-ficcionais de Ruy Tapioca apontadas nesses fragmentos são inestimáveis, pois revelam que os grandes escritores e intelectuais precisam soltar as amarras e mergulharem os pés no espaço histórico-social alheio e, junto a isso, fazer de tudo para buscar nessa aproximação uma causa justa para desmistificar ou desmontar a história oficial. Nesse sentido, capitaneados pela pena de Tapioca, esses fatos e acontecimentos recontados desejavam nos seus anseios uma espécie de libertação dogmática daquilo que a história oficial quase sempre pregou. Se assim pudéssemos classificar, a “metaficção historiográfica” de Ruy Tapioca desafia especificamente a história do século XV, como se fosse uma estrutura aberta a novas intertextualidades. Acontece que Tapioca consegue relativizar tudo isso de uma forma magistral e condizente com o enredo alcançado, agindo por intermédio de outros textos clássicos, propondo novas maneiras de enxergar e modificar aquela realidade tão esquecida do nosso passado, ainda tão desvalorizado. Portanto, a nosso ver, uma

lista que reúna os principais pensadores e escritores do Brasil contemporâneo, especificamente da década de 90, deveria obrigatoriamente incluir o nome de Ruy Tapioaca como membro de uma força cultural e revolucionária das formas artísticas e sociais. Por último, acreditamos que a obra *O Proscrito*, merece ser trabalhada, tanto na literatura, como na história, fazendo com que muitos alunos voltem a pensar que uma boa narrativa pode desmistificar fatos e acontecimentos tão remotos e não questionados.

NOTAS

- ¹ Lógico que esse tipo de conceito iria acabar se desmembrando gradativamente no decorrer do nosso percurso em busca de atingir algo mais consistente no sentido de reconhecer distintos modos de questionar a histórica oficial que seriam eles: a apropriação estilística, a citação, a alusão, o pastiche e a sátira, a própria paródia que segundo Linda Hutcheon, podem contestar o rígido regime histórico sem conseqüentemente destruí-lo. O último item, mencionado, merece maior destaque, tendo em vista, que o tom paródico que iremos analisar nos romances *O Proscrito* é utilizado como referência e mecanismo de investigação para a problematização do seu estatuto de verossimilhança, ou seja, sua construção e sua autoridade ficcional. Por esse motivo e para que isso ocorra é necessário que tal romance possa criar as bases do discurso da história oficial, para que depois, calmamente, possa subvertê-la de maneira disfarçada e utilizando magistralmente os artifícios da ficção. Nesse sentido, observamos que muitos romancistas conseguem criar nas suas personagens históricas ou empíricas a voz indispensável para questionar todo aparato já consagrado e, na maioria das vezes, não questionado pela história oficial.
- ² Meus agradecimentos pessoais ao casal de amigos Fernando Otavio de Freitas e Luciane Maria Gonçalves Franco pela leitura e interlocução em data anterior ao evento.
- ³ Segundo a estudiosa Linda Hutcheon sobre a problemática da verossimilhança: “Entretanto, é essa mesma separação entre o literário e o histórico que hoje se contesta na teoria e na arte pós-modernas, e as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas formas de escrita têm em comum do que em suas diferenças. Considera-se que as duas obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionados em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa.” (HUTCHEON, 1991, p. 141)
- ⁴ Sobre esse aspecto o crítico literário Flávio Kotche tece de forma acurada que: “A história que se ensina nas escolas é, assim, o desejo oligárquico tornado ficção coletiva. Não há fatos, mas apenas interpretações, ainda que eles sejam apresentados como puros ou se diga que também dizer isso é apenas uma interpretação. Todas são discutíveis: a começar, porém, pela historiografia dominante, que pretende ser pura descrição, se não declarada da leitura da escrita de Deus nos ‘grandes eventos’. A história oficial apresenta-se canonizada: o cânone sacramenta a história, assim como a história é sacralizada em forma de cânone. Subjacente à tese (não apresentada como hipótese, mas disfarçada na estrutura fundante) de que o escritor é um deus sobre a terra, a adivinhar os destinos ditados pela divina providência, tem-se a concepção de que Deus é um escritor que coloca a sua escrita na natureza e nos fatos, cabendo ao escritor, grosso modo, apenas ler a natureza, se poeta; e a história, se romancista” (KOTCHE, 2000, p. 54)
- ⁵ Novamente teremos a reflexão de Flávio Kotche sobre os efeitos da paródia no estilo literário: “A paródia vive, no entanto, à sombra de seu modelo: é relativamente fácil desfazer um modelo estatuído, especialmente porque, no cânone brasileiro, ele em geral não é ‘modelar’, por ser rasteiro e insuficiente. O difícil é ir além dele. Quando se vai além, parodiar torna-se uma prisão. Então se

deixa de fazer a paródia para fazer algo original. Por outro lado, a maior parte da produção não-parodística não conseguiu sequer estar à altura da consciência crítica encenada na paródia.” (KOTCHE, 2000, p. 122)

- ⁶ Por analogia ao romance que aqui estamos analisando poderíamos verificar a resposta fornecida sobre essa mesma temática ao seu primeiro romance *A república dos Bugres*. Em entrevista concedida ao estudioso Wilton Fred Cardoso de Oliveira em junho de 2003, o escritor Ruy Tapioca ao ser questionado sobre os dados referenciais contidos no romance *A república dos Bugres* responde: “Todas as datas e fatos históricos foram rigorosamente pesquisados, inclusive as personalidades e caracteres das personagens históricas, com objetivo de conferir verossimilhança aos que realmente existiram e credibilidade aos fictícios, os quais são protagonistas da narrativa.” (TAPIOCA, 2005, p. 256) In: FRED, Wilton Cardoso de Oliveira. *Imaginários de nação no romance brasileiro contemporâneo: Os rios inumeráveis e a República dos Bugres*. Florianópolis. UFSC, 2005. (Tese de doutorado) p. 256
- ⁷ O crítico literário Noé Jitrik, no seu ensaio *Historia e imaginacion literária*, tenta nos fornecer uma resposta possível: “E esse sentido, la novela histórica, no ya la fórmula, podría definirse muy en general y aproximativamente como un acuerdo – quizá siempre violado – entre ‘verdad’, que estaria del lado de la historia, y ‘mentira’, que estaria del lado de la ficción. Y es siempre violado porque es impensable un acuerdo perfecto entre esos dos órdenes que encarnan, a su turno, dimensiones propias de la lengua misma o de la palabra entendidas como relaciones de apropiación del mundo” (JITRIK, 1995, p. 11)
- ⁸ Obviamente que não podemos generalizar essa afirmação e essas assertivas. Apenas um juízo, a meu ver, e não dogmático sobre a minha experiência de leitura a esse manancial teórico. Refiro-me aqui aos textos lidos e trabalhados durante a disciplina do Professor Dr Wilton Fred Cardoso de Oliveira, no curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional. Mesmo assim, concordamos em parte que todos esses textos podem elucidar a complexidade que significa o romance histórico nacional. Naquele período estive envolvido com os textos: ESTEVES, Roberto. *O romance brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. Assis: UNESP. 2010; WEINHARDT, Marilene. *Considerações sobre o romance histórico*. Curitiba: Revista de Letras. 1994.
- ⁹ Por analogia ao romance que aqui estamos analisando poderíamos verificar a resposta fornecida sobre essa mesma temática ao seu primeiro romance *A república dos Bugres*. Em entrevista concedida ao estudioso Wilton Fred Cardoso de Oliveira em junho de 2003, o escritor Ruy Tapioca ao ser questionado sobre os dados referenciais contidos no romance *A república dos Bugres* responde: “Todas as datas e fatos históricos foram rigorosamente pesquisados, inclusive as personalidades e caracteres das personagens históricas, com objetivo de conferir verossimilhança aos que realmente existiram e credibilidade aos fictícios, os quais são protagonistas da narrativa.” In: FRED, Wilton Cardoso de Oliveira. *Imaginários de nação no romance brasileiro contemporâneo: Os rios inumeráveis e a República dos Bugres*. Florianópolis. UFSC, 2005. (Tese de doutorado) p. 256
- ¹⁰ “O alcaide, àquela altura, já ria como um perdido, e resolvera prosseguir com o divertido interrogatório para ouvir as justificativas do filho sobre as demais traquinagens, as quais meu grão senhor era responsabilizado: a incomparável diarreia do velho Alcebíabes; os caranguejos vivos colocados na cumbuca de óbolos do ceguinho da igreja; o prego pontiagudo que se encravara no traseiro de dona Filipa; entre outros feitos.” (TAPIOCA, 2004, p.)

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A poética**. São Paulo: Abril Cultural. 1980

ALMEIDA, Manuel Antonio. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Ática, 1996.

- ASSIS, Machado. **Isaú e Jacó**. Rio de Janeiro. Ática. 2002.
- CALLADO, Antonio. **Quarup**. São Paulo: Nova Fronteira. 2008.
- ESTEVES, Antônio Roberto. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. Assis: UNESP. 2010.
- FRED, Wilton Cardoso de Oliveira. **Imaginários de nação no romance brasileiro contemporâneo: Os rios inumeráveis e a República dos Bugres**. Florianópolis. UFSC, 2005. (Tese de doutorado)
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1991.
- _____. **Uma teoria da paródia**. Trad. Tereza Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1985.
- HOLLANDA, Aurélio. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.
- JITRIK, Noé. **Historia e imaginación literaria. Las posibilidades de un género**. Buenos Aires: Biblos, 1995.
- KOTCHE, Flavio. **O cânone imperial**. Brasília: Editora da UNB, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense. 1983
- TAPIOCA, Ruy. **O proscrito**. São Paulo: Cia das Letras. 2004.
- _____. **A República dos Bugres**. Rio de Janeiro: Rocco. 1999.
- _____. **Admirável Brasil Novo**. Rio de Janeiro: Rocco. 2003.
- WEINHARDT, Marilene. **Considerações sobre o romance histórico**. Curitiba. Revista de Letras. UFPR, 1994.
- WEINHARDT, Marilene. **A república dos bugres: a Atenas da América ou uma Botocúndia**. Portuguese Cultural Studies. Spring. 2007.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. Biblioteca Universitária. Lisboa. 2007.